



O TRABALHO DOCENTE NAS PLATAFORMAS DIGITAIS: PESQUISA DESENVOLVIDA NA OFICINA DE INTEGRAÇÃO 2

AT 2: Juventude, currículo integrado e potencialidades formativas

Autor: Eduardo José Zang

(Aluno do Curso Técnico de Nível Médio Integrado em Informática)

Contato: eduardo.jz06@aluno.ifsc.edu.br

Coautora: Amanda Chiamenti Both

(Professora de História no IFSC/Campus Chapecó)

Contato: amanda.both@ifsc.edu.br

Resumo Expandido:

As Oficinas de Integração realizadas no câmpus Chapecó/IFSC são parte desse processo de formação integral dos estudantes, ao promoverem a reflexão interdisciplinar (PASQUALLI et al., 2022). Esse trabalho tem como objetivo relatar a experiência de um grupo de estudantes da Oficina de Integração 2, que tem como núcleo temático “Trabalho, tecnologia e poder”, na qual foi eleito como tema mobilizador a “Plataformização do Trabalho”. Após as discussões sobre os conceitos que atravessam a temática, foram elencadas áreas de trabalho impactadas pela plataformização, e a turma dividiu-se em grupos para pesquisar sobre cada área. As “plataformas educacionais e o conteúdo educacional nas mídias sociais” foi uma dessas áreas. Após pesquisa bibliográfica, os estudantes identificaram três pontos principais a serem abordados. O primeiro diz respeito ao espaço que o trabalho com as plataformas digitais ocupa

na vida dos professores. A maioria dos educadores não têm nessa atividade sua fonte principal de renda, sendo essa uma atividade complementar (MACHADO; ZANONI, 2022). O segundo aspecto refere-se às formas de remuneração nessas plataformas. Algumas das mais populares, como *Instagram* e *Youtube*, são gratuitas para o público. A remuneração vem do número de visualizações e propagandas, ou de patrocínios. Em ambos os casos, é necessário que o professor consiga atingir um número mínimo de seguidores e inscritos que permita a ele monetizar seu trabalho. Cabe salientar que tais plataformas não possuem ferramentas para avaliar a qualidade do conteúdo divulgado, de maneira que o conteúdo que ganha mais destaque é aquele acessado por mais pessoas, portanto, o mais atrativo. Assim, é preciso que além de produzir conteúdo, os professores encontrem formas de atrair espectadores, o que, frequentemente, suscita a presença daqueles em mais de uma plataforma ou rede social. Por fim, foi pesquisado o mercado e a atuação de professores do Ensino a Distância, que crescem principalmente no setor privado. Essas empresas apresentam um alto faturamento anual, o que não se reflete, necessariamente, na remuneração dos educadores. Um dos principais problemas é que os contratos podem ser desfavoráveis para os professores, pois a maioria dos professores grava suas aulas e cede os direitos de propriedade intelectual à plataforma. Assim, a plataforma pode utilizar quantas vezes quiser o vídeo, às vezes até depois que o profissional deixa de trabalhar na plataforma, por vontade própria ou não, sem que ele receba por isso (PIOLLI; SOUZA, 2017). Portanto, se, por um lado, esse fenômeno apresenta novas possibilidades de atuação para os educadores, por outro lado, gera inseguranças e incertezas ao trabalhador.

Palavras-chave: Plataformização. Plataformas educacionais. Interdisciplinaridade.

REFERÊNCIAS

MACHADO, S. ZANONI, A. **O trabalho controlado por plataformas digitais no Brasil: dimensões, perfis e direitos.** Curitiba: Clínica Direito do Trabalho – UFPR, 2022.

PASQUALLI, R., et al., 2022. As oficinas de integração na materialização do currículo integrado. **Revista Princípios**, 59: p. 495–514.

SOUZA, A.; PIOLLI, Evaldo. Mercantilização do Ensino Superior e Precarização do Trabalho Docente: o caso Da Educação a Distância. In: IX Encontro Brasileiro da Redestrado, 2017, Campinas. **Anais do IX encontro brasileiro da Redestrado**, 2017.